

Antología Poética

Título: Antologia Poética

24 Autores portugueses

Edição: Luís Amorim Editions

Oeiras

PORTUGAL

Data da Edição: 14 Janeiro 2024

Imagem: pinterest.pt – Lotta Andersson

Todos os direitos reservados segundo a legislação em vigor.

Impressão: Lulu Enterprises, Inc.

ISBN: 978-1-4461-9055-5

Antologia Poética

Índice de Autores

- 5 Adelina Santos
- 9 Alberto Regueiró
- 13 Alexandre Ribeiro
- 16 Álvaro Pessoa
- 19 Ana Guerra
- 24 António Vicente
- 28 Bernardo Pereira
- 31 Carla Cardoso
- 35 Carlos Reis
- 38 Cesário Rodrigues
- 42 Conceição Oliveira
- 47 Fernando Queiroz
- 50 Florbelle Reis
- 54 Helga Azeiteira
- 58 José Terças
- 61 Luís Amorim

65 Luís Magoraza
69 Manuela Matos
74 Miguel Deolinda
77 Miguel Lovein
81 Olga Resi
87 Pinto Barbosa
90 Ricardo Vaz
94 Sílvia Mota Lopes

Adelina Santos

Escuta agora

Escuta agora, silêncio
cala o teu dizer
essa fala que soa cá de dentro
por favor não digas nada
deixa tão somente que eu sinta e escreva
este borboletear de amor poisado em mim
calêndula, sândalo, rosa, jasmim
o sussurrar de brisa
a pairar na madrugada...

Deixa que eu escreva
com letras de orvalho e espuma branca do mar
o mar que mora nos meus olhos...
Serena por instantes
voz do vento, gemido da chuva
e imperioso e urgente que escreva
este raro momento de ternura plena
para que exista na memória do tempo

ecoe e eu me lembre
daquela pele quente e morena.

E mais tarde quando se estenderem as névoas do
esquecimento

diante daquele rio azul
as palavras sejam garças colorindo o horizonte
falando de nós...

Adelina Santos nasceu a 16 de Fevereiro de 1960, em Atães, Jovim, Gondomar. É assistente operacional no agrupamento de escolas número 1 de Gondomar, desde 1997.

Cedo sentiu curiosidade pelas letras, e quando deu início à sua instrução escolar, já lia e escrevia perfeitamente.

Uma meningite aos 7 anos fê-la mergulhar na escuridão da cegueira, sem no entanto a impedir de continuar a amar as letras e a música, agora através do sistema *braille*, e mais tarde por computadores adaptados com leitor de ecrã.

Fez o secundário já na idade adulta, prosseguindo a paixão pela escrita e pela música.

Publicou 6 livros, 5 de poesia (“Bocados de Mim”, “A Nudez das Palavras”, “Brisas de Poesia”, “Pétalas Rósias de Poesia”,

“Na Inquietude das Palavras” e “No Tempo dos meus Avós”, monografia.)

Participou em dezenas de antologias poéticas de temas diversos e de contos. Obteve 2 segundos prémios na área do conto, 2 primeiros prémios de poesia internacional, um segundo e um terceiro, mais 3 menções honrosas.

Alberto Regueiró

Louvor em forma directa

Louvor em forma directa
Na poesia, uma recta
Para chegar mais depressa
Ao coração, ideal seta
E tocar bem fundo
Sendo nostalgia correcta
Do que recordar interessa
Por rima que não veta
Antes louva pelo mundo
Quanto beleza afecto
Havia em jeito de peça
Hoje assim detecta
Mas sem, então segundo
Intencionar da meta
Na autenticidade de reza
Quase uma fé que alerta
Desejosa carícia, regressa
E jamais aperta

Porque tempo fecundo
Fará cumplicidade oferta
Como renascida em segundo
Instantâneo na vez certa
Com a voz que peça
Fique sempre desperta.

Cantigas, vírgulas e palavras

Tuas vírgulas antigas
Deixei-as ao vento
E guardei as cantigas
Que me cativaste atento.

As palavras são ricas
Ainda hoje com sabor
Sem dúvidas tricas
Apenas o teu calor.

Fazem-me quente

Cantigas que deixaste
Na presença ausente
Das vírgulas sem haste.

Só quero bandeira içar
Com palavras carinhosas
Daquelas ao teu olhar
Exclamações amorosas.

Alberto Regueiró nasceu na Guarda e estudou História, dedicando-se profissionalmente ao estudo e ensaio nessa área. Além da escrita de poemas, também se dedica a gerir uma pequena biblioteca ambulante de serviço comunitário.

Alexandre Ribeiro

Pela solidão, o lamento

Pela solidão, o lamento
Infeliz estado com assento
Despedida, indo embora
E colocando outro acento
No seu diálogo a contento
Mas só aparente, na demora
Que lhe mostra exacta hora
Imediata por estrada fora
Relembrando aquele rosto atento
Partilhando especial evento
E pretendendo o reviver agora
No regresso ao outrora
Recordando cada momento.

Enterrar tudo depressa

Enterrar tudo depressa
Antes que gente peça
Motivo de reza válido
No esconder pálido
Envergonhada promessa.

Natural de Tavira, Alexandre Ribeiro obteve licenciatura em Matemática e tirou alguns cursos de línguas estrangeiras, inglês e francês. No presente, trabalha como recepcionista. Gosta de escrever poesia numa forma contemporânea.

Álvaro Pessoa

Procure o saber

Procure o saber para acreditar no amanhã
E demonstre antes de tempo, a sabedoria.
Pratique e muito de forma sã
E por modo natural, chegará à alegoria.
Seja o maior sábio naquilo que faz
E antecipe eventuais contrariedades
Para que mostre o quão é capaz
No expandir suas criatividadees.
Aprenda sempre, cada vez mais
Procurando no saber a suprema crença
Acreditando no amanhã e seus ideais
Como destino que lhe pertença.

Na divina escola

Na divina escola
Tudo se recebe adorno
E até parece cola
Sempre em ponto morno
Que não sai, jamais
Mesmo perante forno
A mostrar os sinais
Que digam contrário
Pelos certos ideais
Remetidos ao diário
Diante escolar reitoria
Com pleno armário
Na divina sabedoria.

Nascido em Coimbra, Álvaro Pessoa é licenciado em Gestão de Desporto, mas exerce a profissão de fotógrafo, tendo para tal, frequentado várias formações profissionais na vertente da fotografia. Literariamente, dedica-se em exclusivo a escrever poesia.

Ana Guerra

O mar floresceu
e crescestes como a caravela...
andaste, caminhaste, andaste,
teus pés resmungavam
por os esqueceres...
Sorrias, e as flores voltavam-se
para ti!

As árvores murmuravam
histórias seculares
por entre os ramos
que te abraçavam
e com quem partilhaste
os teus cantares
eternamente...

A visão criada
pelos teus manejos
borbotam por entremeios
nas gentes e palavras...

foges... escusas-te.... espreitas....
com o olhar cristalino
 como o borbulhar
 das gotas
por entre cascatas
 de risos cristais...
 de trocas corpóreas...
Elevas-te
 pairando
como a brisa
 do cantar enlevado
dos pintarroxos saltitantes...
conífera reluxente
 vislumbrante pelos raios... tu!

07 Novembro 2003

Florescendo por ramos azuláceos...
Pairando por vales dançantes,
 escusando vontades perenes...

Deixam-se raízes com sede

de descoberta...

Tal corrente humedecida

por salpicos

pulsantes dum grito

perfumado a solo

granjeado de corpos

salteados de suores...

O impulso gerado pelo ventre rugoso

reboiça pelas encostas

em que os raios solares se deitam...

Vestes verdejantes

cobrem os passos, e gritos

dos que nos rodeiam

sobrevoam, rastejam, serpenteiam, aninham-se...

Num vale com rostos

brilhantes...

com lágrimas escarlates...

com risos anis...

Envolvendo-me na musicalidade desta entrega!....

4 Maio 2011

Nascida a 20 de Julho de 1955, em Lisboa, Ana Guerra é filha de pai angolano e mãe moçambicana, cujos pais viveram nas colónias portuguesas. Mãe de três seres de quem se orgulha, de quem floriram 5 netos. Frequentou a Faculdade de Psicologia, na Universidade de Lisboa. A sua caminhada revela a contínua busca por um crescimento e evolução interna como ser. Trazendo consigo a sede de conhecimento e avidez de saber sobre a condição humana neste planeta, o seu trajecto tem patente essa latente vontade. Autora do livro “Sensações”, publicado por LuísAmorimEditions, em 2014.

António Vicente

Lágrimas

Primeira lágrima caiu
No teu sofrido rosto.

A última subiu
Ao certo encosto.

Ainda bem conversas
Mas não ouves ritos.

Tens motivações dispersas
Apesar de leais ditos.

Contudo, surges à leitura
Com vontade sincera.

Voltas depois, agrura
Em fechada esfera.

Incómodo, sempre vês
Até onde não existe.

Alheia maldade, crês
Com nada que a registre.

Assim, lágrima retorna
Ao destinado par.

Em ti, tristeza adorna
Contagante até versejar.

Deusa mor

Aqui ergue-se deusa mor
Protectora de seus crentes
E que em rigor se decore
No elogio que sempre ore
Por seus feitos valentes.

Tendo passado grande parte da sua infância e juventude na Covilhã, onde nasceu, António Vicente formou-se em Economia, a qual é a sua profissão. Tem diversas participações em colectâneas literárias dos seus poemas, os quais se apresentam numa forma antiga de escrever poesia.

Bernardo Pereira

Sorri na poesia

Quando a vi
Sorri na poesia
Amiga que já sentia
E no imediato, escrevi
Calma, ela ausente
Mas só aparentemente
Assim a percebi.

Quando a conheci
Logo nesse dia
Destino já me pedia
O sentido que antevi
De estar presente
Proximidade evidente
Dela por simpatia.

Quando a reli
Musa era poesia

E bem reconheci
Tão certa magia
Escolhida a quente
Mas ainda contente
À beldade que preferi.

Quando a perdi
Rápido me atrevia
Na linha que proferi
E por afecto, seguia
Procura, carinhosamente
No mostrar, sinceramente
À espera, ela sorria.

Nascido e criado nas Caldas da Rainha, Bernardo Pereira tem feito dedicação à arte, estudando História da Arte, pintando e escrevendo maioritariamente poemas. No seu tempo livre, faz um trabalho de base de dados, essencialmente a pedido de bibliotecas particulares.

Carla Cardoso

Era preciso cortar a garganta ao poeta para lhe extrair as palavras?

Terei morrido? Ainda respiro, e o coração ainda bate dentro deste peito...

Sou um corpo ambulante, temperatura corporal normal, aparentemente funcional, rastejo...

Já não sou eu... já não sou aquela que fui...

Como poderia ser, se lhe entreguei a alma?

Agora faço o luto daquela parte de mim que morreu

E tento reencontrar-me... reinventar-me... sem ti

Mas ainda conservo a mesma tristeza profunda no olhar

Se te mostrasse os meus olhos, verias...

Sim, está lá tudo... O passado, o presente, o futuro...

As feridas, os medos, os sonhos...

Se te mostrasse os meus olhos, verias...

O início e o fim de tudo...

A luz e a sua ausência

A beleza do Universo contida numa lágrima de amor.

(inédito, 2022)

Virtual

Este é o espaço
da nossa vulnerabilidade
do nosso Ser
da nossa intimidade
dos segredos mais abafados
das verdades mais duras
e mais doces
do nu
do despido
da entrega da alma, do coração
do corpo
do tudo e do nada...

É o espaço da poesia
do erotismo, dos sentidos
do sonho

do confessorário e
da absolvição
da partilha, da compreensão
dos medos mais temidos
da afinidade, da descoberta
da ternura, do riso, da lágrima
da vida, do quotidiano
sem saber se haverá amanhã...
Um espaço à parte, só nosso...
e dele não arredarei pé...

(de “Reflexos – Poesia de Improviso”, Ed. Poesia Impossível,
Grupo Editorial Atlântico, 2021

Carla Cardoso nasceu em 1974, Lisboa, onde tem residência.
Doutoramento em Sociologia em 2009 (ISCTE). Exerce
funções públicas e investiga na área das desigualdades sociais e
territoriais. Pintora autodidata.

Galeria Instagram @pinturas_sousa_cardoso.

Poetisa. Autora do livro “Reflexos – poesia de improviso”, Ed.
Poesia Impossível, Grupo Editorial Atlântico, 2021.

Carlos Reis

Levantar a moral

Bem no Alto de Porto Salvo
Ao abandono três moinhos encontrei
Em solo precioso contemplei
À esquerda a foz do Tejo
À direita o formoso da Pena
Então fechei os olhos e pensei...

Forte o vento sopra
Nesta manhã cinza e torpa
O sorriso em mim espalhado
Não é por isso retirado
Aproveito a força do vento
Para que espalhe meu evento
A todos tenha o efeito
De levantar a moral
Pra vencer esta espiral imoral...

Amor incondicional

Mar. Como te desejo amar
Contigo sozinho quero ficar
Embarco na poltrona a ondular
Irrequieto pensamento a incomodar
Olho para a água, tento disfarçar
Continua discreto a insistir
Na outra margem está lá a paragem
A meio já vou desta viagem
Misturada entre as nuvens
A razão da turbulência
Ó lua do meu desassossego
Empresta a tua persistência e coragem
Quero concluir esta viagem.

Carlos Reis é natural de Lisboa e estudou na Universidade Lusíada de Lisboa e na ESAI – Escola Superior de Actividades Imobiliárias. Com bastante experiência no ramo imobiliário, é sócio gerente na empresa Loft ao Quadrado.

Cesário Rodrigues

Bela senhora

Bela senhora
A outra ofuscando
Ontem e agora
No brilho irradiando.

Distante até parece
Em beleza maior
Mas apenas tece
Sua teia ao pior.

Vê tanto interesse
Em falso interagir
Inclusive sua prece
Ao lucro no coagir.

O que tem, insuficiente
Nunca lhe chega
E dá-se indiferente

À bondade que a pega.

Mas a clarividência
Aparece no ocaso
Como nova experiência
Mesmo com atraso.

Poderá ser vistosa
Mais do que outrem
Mas dama graciosa
Valerá pelo seu bem.

Bela senhora
A outra ofuscando
Ontem e agora
No brilho irradiando.

Os que viveram outrora

Nem os que viveram outrora
Dizem por recente ou agora
Que serão eternos
Por mais cada vez modernos
Mas alguns talvez
Conheçam essa vez
De sempre viverem
Sem nada perderem.

Cesário Rodrigues, oriundo de Espinho, é gestor de empresas e costuma dedicar-se ao voluntariado, bem como à escrita de poesia.

Conceição Oliveira

Meu País, meu chão amargo e doce...

1.

Sal, flores, mel.

A magnitude divina aqui fez porto de abrigo

e cada grão de sol onde a vida começa

abre pétalas de esperança à gota de orvalho — na noite a
brilhar.

De longe,

chegam-nos rumores de morte, tempos difíceis.

E em cada gota de mar navegam barcos,

gaivotas e ecos de um tempo mórbido,

corpos a flutuar.

É real e nobre o meu país; de grandes homens

onde toda a mulher é mãe

deste povo

deste fado

desta gente de bem...

O meu país tem lírios selvagens
poetas, trovadores
guitarras, boémia
e vinho...

Sol, verdes sonhos
onde há flores, muitas flores,
como os povos que amamos
e aceitamos nas diferenças
não rejeitando ninguém.

2.

Às vezes... no meu país, encontramos a paz.

Sobretudo ao anoitecer
quando
subitamente
o sol se despede em vestes de ouro
e o brilho do universo adquire contornos de lucidez.

Roçando as esquinas das folhas
a terra respira ESPERANÇA no cântico dos pássaros.
E mesmo pressentindo outros céus e outras terras,
é nesta que a ANCORAMOS numa partilha de penas e asas.
Talvez que, num recolhimento de ternura, as aves a segurem
nos bicos adormecidos sob a asa, enquanto a noite cai.

Amanhã é outro dia, o sol prometeu voltar e as aves entoarão
cânticos ao sabor da brisa, aos deserdados do mundo.

Conceição Maia Rocha de Oliveira é natural e residente em Aveiro. Estudou Línguas e Literaturas na Universidade de Coimbra, é Licenciada em Ensino de Português/Francês pela Universidade de Aveiro, diplomada em Magistério pela Escola do Magistério Primário de Aveiro e pelo Instituto de Línguas – Alliance Française. Exerceu docência durante 38 anos. Aposentada, dedica-se às artes — Escrita, tertúlias literário/poéticas e pintura. É autora de 8 livros (poética e prosa — conto para adultos e infantojuvenil) e participa em cerca de centena e meia de Coletâneas, Antologias, Agendas e Revistas

Culturais. Recebeu prémios Literários, Menções Honrosas e outros destaques culturais (Portugal, CEMD e Brasil). Prefaciou, Posfaciou, ilustrou capas, contos e poemas de outros autores. Tem participado, como elemento de Júri, em diversos concursos e programas literários de Escolas, Câmaras Municipais, Editoras.

Entre outras, integra as seguintes Associações: APE (Associação Portuguesa de Escritores); APP (Associação de Poetas Portugueses); GPA — Grupo Poético de Aveiro; AVEIROARTE (Círculo Experimental de Artistas de Aveiro); FRIENDLY TALENTS – Associação de Artes e Literaturas de Leiria; AAAGP - Portugal (Associação da Amizade e das Artes Galego Portuguesa); CEMD (Círculo de Escritores Moçambicanos na Diáspora); Art' OESTE — Associação de Artes Plásticas do Oeste; ARTISET – Associação dos Artistas Plásticos de Setúbal; ÁRVORE – Cooperativa de Artes da cidade do Porto; Academia de Artistas Aveirenses; CONINTER CONACHLA – Academia de Ciências, Artes e Letras, Brasil e Portugal; Movimento União Cultural, Consulesa Cultural Regional — Brasil e Portugal; (Membro Fundador da Academia de Letras, Música e Artes de Salvador cadeira n° 20).

Fernando Queiroz

Arde, chama intensa

Arde, chama intensa
Sem água pretender
Em pedido licença
Para acalmar o ser.

Esse fogo é pertença
Ao agradável conhecer:
Arde, chama intensa
Sem água pretender.

Vida será extensa
Sem qualquer sofrer
Apenas belo prazer
Com alegria imensa:
Arde, chama intensa
Sem água pretender.

O último verso da cena

O último verso da cena
Dá lume a essa silenciosa
Aquecida na luz de pena
Inspirada à poesia misteriosa.

Dá lume a essa silenciosa
E demonstra como autoria
Inspirada à poesia misteriosa
Traz sempre muita sabedoria.

E demonstra como autoria
Aquecida na luz de pena
Traz sempre muita sabedoria
O último verso da cena.

Fernando Queiroz nasceu em Lisboa, é jornalista e fotógrafo, embora nesta última actividade, como amador. Formou-se em Marketing e costuma escrever poesia.

Florbelle Reis

Melodia

Ouvindo melodia
E letra imaginando
No compor avançando
A instrumento que sorria.

A pauta olhou chegada
E no estúdio prontidão
Deu-se início à gravação
Na sonoridade levantada.

Tudo em sincronização
Tocando e cantando
Pela letra bem ritmada.

Registo final de canção
No formato ainda mirando
A poesia escrita e versejada.

A caminho do teatro

A caminho do teatro

Para ver a peça

Iluminada na reza

Por todo anfiteatro.

Eclesiásticos anfitriões

Darão luz presença

Mas pedindo licença

Ao escritor e seus guiões.

Este chegará no antes

Para decidir enredos

Com ajuda dos credos

Doutrinários relevantes.

Certamente autorização

Concederá teatralização.

Escrita e representação

Terão mão na religião.

Florabelle Reis nasceu em Évora e formou-se em Sociologia, a qual exerce como sua ocupação. Em termos literários, frequentou cursos de escrita criativa e escreve poesia na forma de sonetos.

Helga Azeleira

Ser criança

Ser criança é ser livre

Para brincar

É crescer para amar.

Ser criança é tirar

O melhor da infância

Cresce linda criança.

Ser criança é ter

Sempre esperança

É a magia da infância.

Ser criança é ter

O direito à vida

Ser criança é ser livre.

O mar

Nos momentos de solidão

O mar era meu irmão

As suas ondas imensas

Vinham beijar o meu coração

E no meio de tanta ilusão

O mar me trouxe uma paixão

E em momentos de sofrimento

O mar me trouxe afinamento

E em momentos de sofrimento

O mar me trouxe contentamento.

Nos momentos de solidão

O mar era meu irmão

As suas ondas imensas

Vinham beijar meu coração.

Helga Aveleira nasceu na cidade da Bela Vista, Angola e já em Portugal, formou-se em Turismo, na vertente Ambiental e Rural. Antes, também fez uma formação profissional de Auxiliar de Acção Médica. Actualmente, reside em Inglaterra, onde continua a sua literatura iniciada em Portugal, prosa e poesia, da qual poemas seus, foram integrados em diversas antologias da Chiado Books. Igualmente vai aperfeiçoando a sua veia artística na pintura. Além das artes em que trabalha com mais gosto, outras paixões de Helga Aveleira, são a restauração, artesanato e cozinhar.

José Terças

Origens

De todos, origens
Temos por bem
Até final rumo mais além
Ou no perto que tem
Sempre por também
Algumas vertigens.
Cabe ao grupo de nós
Desatar complicados nós
E seguir melhor destino
Seguro e no certo tino
Sem fobias tocando
Qual enfrentado sino
No seu musicando
Som de fatal caminho
Que não era previsto
No distante ninho
Nem desejado por registo
Do que por vir estaria

Para todo seguinte dia
E o que ainda haveria
De viagens futuras
Até origens mais
Com outras culturas
Nunca por demais
Quando o conhecendo
Rimar com aprendendo
E pessoas naturais
Dos lugares tais
Nos próprios ideais.

José Terças nasceu em Chaves e formou-se em Física, tendo igualmente trabalhado como professor. Escreve poemas desde a sua juventude.

Luís Amorim

Sombra por medida

Visitou o especialista
Depois de pela lista
Ser autorizado na entrada
Avançando à confiança
Da medida ser aperfeiçoada
Na sua levada esperança
De no fim sombra nova
Por medida em prova
Efectivamente bem feita
Ficar na melhor receita
Ali no imediato confeccionada
E adequadamente provada.
Com tarefa essa concluída
No quase de excluída
Medição eventual supérflua
Sombra iria sair à rua
No momento seguinte
Adequada a cada ouvinte

E palrador de seu requinte
Que houvesse nos cruzares
Pontuais de tantos ares
Numerosos por certeza
Para os quais única defesa
Seria a nova medida
Já então bem vestida
E notoriamente percebida
Como de alegria sentida
Consoante iria ser percorrida
Nas vias da então definida
Sua renovada vida.

Luís Amorim, natural de Oeiras, escreve poesia e prosa desde 2005. Tem já escritas cerca de 2700 histórias com 102 livros de ficção publicados, entre os quais na prosa, vinte e seis da série “Contos”, “Terra Ausente”, “A chegada do Papa” e dois livros de “Pensamentos”. Na poesia, igualmente diversas séries de livros têm alguns volumes, como “Mulheres”, “Tele-visões”, “Almas”, “Sombras”, “Sonhos”, “Fantasias”, “Senhoras” e o herói juvenil “Esquilo-branco”. Todos estas obras de poesia

citadas, integram os designados contos poéticos, assim identificados pelo autor, aos quais se acrescentam “Lendas”, “Campeões”, “Músicas”, “Turismo”, “Palavras”, “Flores”, “27 Flores”, “Todas as Flores” e mais outros sete do universo “Flores”, onde este elemento surge em todos os enredos, como por exemplo “A ceia do bispo e outros contos poéticos”. A escrita também foi posta em narrativas poéticas, “Beatriz” (inspirada na personagem de “A Divina Comédia” de Dante Alighieri), “Paz”, “O Viajante”, “O Sino”, “A Sereia” e “O Mapa”, este com 3016 versos. Ainda a registar em poesia, “Refrões”, “Sonetos”, “Trovas” e quatro volumes de “Canções”. Dois livros foram publicados segunda vez, então com ilustrações de Paulo Pinto (“Almas”) e Liliana Maia (“Fantasias”). Luís Amorim foi seleccionado por 260 vezes com contos e poemas seus em concursos literários para antologias em livros, revistas e jornais em Portugal, Brasil, Suíça, Colômbia, EUA e Inglaterra. É colunista da revista “Entre Poetas & Poesias” a partir de 2022 e integrante desde 2021 do Coletivo “Maldohorror”, onde histórias suas são publicadas em ambos os sítios, com regularidade.

Luís Magoraza

Preciosa amizade

No mundo individualista
Vê-se fundo dualista
Tanto por considerado
Espanto mal anotado.
Mas pode exceção
Haver em consideração
Alguém tão especial
Que vem dar-se leal.

Refrão:

Preciosa amizade, meu bem
Vistosa qualidade, levo além
À vista das pessoas
Na lista onde voas
Em gesto admiração
Manifesto por atenção.

Quanto te encontram

Cantos se aprontam
No tributo de verso
Reduto nada disperso.
Somente concentrado
Em pleno levantado
Acenando pretensão
Por amiga de coração.

Refrão:

Preciosa amizade, meu bem
Vistosa qualidade, levo além
À vista das pessoas
Na lista onde voas
Em gesto admiração
Manifesto por atenção.

Para sempre vieste
E futuro já veste
Cor de tua beldade
Rigor à fraternidade
Que tens em promessa
E dás a quem te peça.

Refrão:

Preciosa amizade, meu bem
Vistosa qualidade, levo além
À vista das pessoas
Na lista onde voas
Em gesto admiração
Manifesto por atenção.

Luís Magoraza, natural de Ponte de Lima, é formado em Arquitectura, da qual exerce profissão, dedicando-se à escrita, através de canções, tendo já sido publicado em jornais na região do Minho.

Manuela Matos

Mulheres caladas...

(Contra a violência doméstica)

Dou voz ao pranto das mulheres caladas
De olhos esbugalhados, sofridas, amarguradas!
Dias e noites sentidos numa eterna desilusão,
Onde a dor reinou e as lágrimas se afogaram
Em completa frustração!

Agora, quais aves feridas, magoadas,
Experimentam o vazio de uma vida que ficou!
Rostos inexpressivos, apáticos, sem brilho,
Vidas perdidas que o tempo marcou!

Hoje, quero dar voz à vida que ainda resta
Para espicaçar o desejo amordaçado,
Como se não houvesse mais tempo
Como se não houvesse mais passado!

Mulher, ergue tua voz bem alto

Para que se faça ouvir em todos os lugares!
Que o teu valor não se perca jamais
E a esperança não te escorra pelas mãos...

Quanta indiferença...

Quanta indiferença por esse mundo
Quanta revolta, quanto sofrer
Vozes sufocadas num silencio profundo
Sem desejo e vontade de viver...
Gente perdida nos becos da vida
Sofrendo a agonia, o mal insano
Caminhando com a alma despida,
Num abismo de imenso desengano...
Uma ferida em cada olhar vazio
Quanta renúncia, quanto trauma
Em cada gesto esquivo um calafrio
Numa sede que não se acalma...
Quanto tormento quanta mágoa
Quanto cansaço, solidão que faz doer

Mastigando o soluço que não acaba
Num imenso grito de dor a arder...
Sonhos feridos, quanta amargura!
Corações desfeitos a sangrar
Não consigo entender esta loucura
Como este vazio que teima em ficar!

Manuela Matos reside em Vila Nova de Gaia e publicou dois livros de poesia: "Pedaços de Lua", em 2010 e "As Cores do Silêncio", em junho de 2015, pela editora Mosaico de Palavras, com 2ª edição em dezembro do mesmo ano para colaborar com o projeto Konta Komigo que apoia os sem-abrigo.

Ficou classificada em 2º e 3º lugar, Edições Arnaldo Girão e selecionada para publicação do livro "Poesia-Poeta-Cidade" - Prémio Literário Valdeck Almeida de Jesus.

Recebeu uma Menção Honrosa no II Concurso de Poesia Pablo Neruda. Obteve uma Menção Honrosa em 2012 no XI Encontro de Poetas no Gerês. Recebeu ainda o Prémio Especial de Poesia em 2010, 2012 e 2013, atribuído pela Junta de Freguesia de S. Nicolau, Porto, e o 2º lugar no concurso ALAP

em 2016, com a participação do Brasil e vários países da Europa.

Convidada pelo Grupo ASAS DE POESIA - Maia em fevereiro de 2016.

Participou em 22 Coletâneas, 2 em Prosa e 20 em Poesia e ainda em 2 Ebooks. Publica nos grupos Escritartes, Luso-Poemas e Solar de Poetas

Miguel Deolinda

Conveniência

Conveniência já
Ou curiosa pega
Na cedência quiçá
De furiosa nega.

Pretensiosismo

Pretensiosismo não
Ou humildade casa
Até índole lição
Lhes dar saída rasa.

Indiscrição

Indiscrição na hora
Antes que seja tarde
Mas sem grande alarde
Não vá alguém embora.

Imponência

Imponência longa
Até lugar distante
Chegando elegante
Na prevista delonga.

Nasceu em Vila Nova de Gaia, Miguel Deolinda, autor de trovas como sua vertente poética. Estudou Relações Internacionais e alguns cursos de idiomas estrangeiros, como inglês e espanhol. Actualmente, trabalha como vendedor.

Miguel Lovein

Tanto amar

Abílio gostava de Agripina
Cujo amor dizia «Alípio.»
Este só olhava Alina
A ter sua paixão, Arsénio
O qual, preferia Alzinda
Sem dedicação ao cio
Pelo menos ainda
Durante época de frio.
Mas quando calor irrompeu
Abílio tudo vendeu
E fez longa viagem
Com Agripina na imagem
Do convento em introspecção
Sobre Alípio na prisão.
Alina ficou para tia
Pois Arsénio tinha família
Numerosa em secreta área
E Alzinda conheceu Amílcar

Com namoro rápido avançar
Surpreendido ele no contar
Havendo tanto amar
Não correspondido na direcção
Certa para nobre relação
Disposto ele nesta corrente
Dar cessaçã, finalmente
Junto a seu par, bem assente.

Paisagem em breves tiras

Paisagem em breves tiras.

Persianas de tantas mentiras.

Igualmente olhos perceptivos
Só observam as partes boas
Que dão interesses subjectivos.

Escolhem ângulos nocivos

Às infelizes restantes pessoas
Captando riquezas por maus crivos.

Paródia em fresta

Início de tanta festa
Paródia em fresta
E nada de sesta!

Miguel Lovein, natural de Setúbal, formou-se em Medicina, exercendo profissão. Colecciona arquivos e bibliotecas, as quais pretende no futuro colocar à disposição da população em geral. Dedicar-se também à poesia, num registo de poemas modernos.

Olga Resi

O tom da tua pele

É o tom da tua pele
Que me aquece
Quando o Inverno
Assola a minha alma
E a luz em mim
Morre e desaparece
Tantas e tantas histórias
O passado que me arrebatava
Trazido pelas memórias
Perco-me no teu abraço
Noutro tempo
Noutro espaço
A chuva que cai
Dentro de mim
A dor que não sai
E que não tem fim...

É o teu tom de pele que me aquece

E este inverno em mim desvanece

Entre dunas e marés

Procuo-me sem ti

Na areia as marcas

Do que não tive

Do que perdi

Todos esses sonhos

Que em mim escondi

No baú das memórias

O que posso guardar?

Todas essas histórias

Que ficaram por contar

De quem quer amar!

No teu olhar

Sob a luz das estrelas

Perco-me no teu olhar

Como se apenas nos teus olhos

Elas pudessem brilhar

Nesse teu olhar
Que um dia me prendeu
Brilhante e escuro
De quem perdeu...

O calor que me afaga
No pleno da minha solidão
Mal me serve
Para aquecer o meu coração

Um coração que bate
Ao ritmo da ilusão
Desbravando os caminhos
Iluminadas pela escuridão

Esse ritmo descompassado
A que muitos chamam de amor
Dança solitária
Sinónimo de dor!

Olga Resi (pseudónimo de Olga Reis) nasceu numa aldeia do concelho de Cantanhede, distrito de Coimbra, em Portugal. Licenciou-se em História – Ramo Educacional, pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e é Mestre em Estudos Artísticos – estudos cinematográficos pela mesma Universidade. Na sua carreira profissional conta com vários anos ao serviço do Ministério da Educação Português, lecionando a disciplina de História. Desde 2013, trabalha no Instituto do emprego e Formação Profissional onde exerceu funções de Formadora, Mediadora e, mais tarde, Técnica de orientação Profissional e Ação Social.

No domínio da Literatura, é dramaturga e encenadora, produzindo várias peças levadas a palco no Ciclo de Teatro Amador do concelho de residência. Duas delas, “A Vida é muito curta!” e “No fundo do (a)mar” foram premiadas.

Em 2006, publicou o seu primeiro livro "Incrivelmente Só!", pela Pé de Página Editora, seguindo-se "Esta ânsia de amar" (2008). Em 2010, publica, pela LuísAmorimEditions, "Anjo sem asas", "Moras dentro de mim", "(Des)Encontro (In)esperado", "Amor e Guerra" (sendo depois adaptado a guião cinematográfico, fazendo parte da Guioteca – Festival

Guiões) e "Infiel". No mesmo ano, publica "Há sonhos que nunca morrem", publicado pela Chiado, seguido de "Cor de frio" (2014). Em 2018, publicou "Cheiro de Chuva", pela Emporium Editora e em 2022 "Calor na Solidão" pela Astrolábio Edições. Também em 2022 publicou o seu primeiro livro infantil "Mundo cor-de-arco-íris".

Pinto Barbosa

Ser ainda criança

Ser ainda criança
Dá toda a liberdade
Para ter confiança
Que sua realidade
Visitará esperança
E conhecerá idade
Onde ela aliança
Será na qualidade
De vida que a lança
Desde já à vivacidade.

Desenhos

Desenhos criativos
Outros geométricos
Mas também estéticos
Com olhos pensativos
Nos dizeres éticos
Sobre nobres contextos
Que imaginados são
Pelo lápis cheia mão
Rabiscando os textos
Na cor da prosa ficção.

Nascido em Braga, Pinto Barbosa estudou cinema e trabalha actualmente como bibliotecário, enquanto na área da literatura tem algumas publicações suas em antologias.

Ricardo Vaz

O trovador e a pastora

Pelo monte acima
Muito se anima
Educado trovador
Saudando pastora
E sem demora
Elogiando seu rubor
Tão bela em cor
Mas que demasiado cora
Antevendo sedutor
Com receio notório
No seguinte falatório
Caso alguém veja
Onde o caminho areja
Conversa de aroma
Respeitosa que lhe toma:
«Minha senhora, falar-vos-ei
Um pouco, se ouvir
For vosso sorrir

Pelo que aqui estarei
Enquanto houver anuir
Seu ao meu subir
Em consideração sentir
De senhora bem permitir.»
«Senhor, ide-vos pela via
Antes que chegue azia
Porque alguém vos descubra
E depressa me cubra
De soslaio reprovação
A mim que desmereceria
Ser falada como não quereria
Por tanto escutar sua atenção
Bem mais do que deveria.»

Basta perguntar

Quem pretenda saber
Sobre a vida alheia
Basta perguntar.

Quem pretenda conhecer

Toda a escrita ideia

Basta perguntar.

Quem pretenda acender

Essa plena luz cheia

Basta perguntar.

Escusado espreitar

Por buraco fechadura

Pois basta perguntar.

Figura ridícula arfar

É melhor ter cura

Pois basta perguntar.

Ricardo Vaz, natural de Cascais, é ilustrador, após ter-se formado em Línguas, Literaturas e Cultura. Dedicar-se à poesia, mas também à pintura como autodidacta.

Sílvia Mota Lopes

1

Um livro regressa ao corpo
devolve-lhe o ritual do silêncio
traz de volta a serena memória da tarde.
O tempo é a casa em repouso
a (des)coberta da severidade das sombras
o esforço das mãos
remando o medo.

2

Há um fio de silêncio
respira, habita
conciliando o seu pulsar no mundo.
Cada árvore abatida
é uma atmosfera que sangra

um ventre que morre.

(Poemas inéditos)

Sílvia Mota Lopes é natural de Braga, onde nasceu em 1970.

Poeta, pintora, ilustradora, autora de literatura infantil e juvenil.

Editou:

“Alícia no Bosque”, (texto e ilustração), 2012; “Ser dia e Noite Ser”, (texto), 2013; “A magia de Auris”, (ilustração), 2013; “Chegaste primeiro”, (ilustração), 2014; “É Aqui Que Ela Mora”, (texto), 2015; “O cavalinho que queria saber a que cheira a primavera”, (ilustração), 2015; “Pássaro de Mil Cores”, (autora do libreto da ópera infantil), 2016; “Esboço”, (poesia), 2017; “Aqui há gato”, (ilustração), 2017; “Estrela Watoto”, (ilustração), 2017; “Quando Somos Nuvens”, (ilustração), 2018; “Dar Corda às Palavras”, (texto), 2018; “Passei Como Um Sussurro para que escutasses o Vento”, (poesia), 2019; “Amor Puro” (ilustração), 2020; “Não esqueças o meu nome”, (ilustração), 2022; “Contos para serem Contados”, (ilustração), 2022; Túnica íntima (poesia), 2022.

Participou em antologias poéticas.

Exposições:

Mito.Sonho.Realidade, Casa dos Crivos, Braga, 1994

Mito.Sonho.Realidade, Casa da Cultura, Póvoa de Lanhoso, 1995

Mito.Sonho.Realidade, Galeria Muralha, Guimarães, 1996

Mito.Sonho. Realidade, Galeria Pop Cave, Barcelos, 1996

Alícia no Bosque, Livraria Centésima Página, Braga, 2011

Pinto Palavras, Livraria Centésima página, 2014

Ponte de Lima e as suas lendas, Biblioteca Municipal, Ponte de Lima, 2015

Pintar Com Poesia, Biblioteca Municipal Professor Machado Vilela (abril 2021), Vila Verde

Pintar Com Poesia, Biblioteca Municipal Francisco Sá de Miranda (junho 2021), Amares

Pintar Com Poesia, Casa Museu Soledade Malvar (novembro 2021), Vila Nova de Famalicão

Pintar Com Poesia, Biblioteca Municipal Lúcio Craveiro da Silva, (dezembro 2021), Braga

Pintar Com Poesia, Biblioteca Municipal Barcelos, (março 2022), Barcelos

Pintar com Poesia, Clínica da Botica, (dezembro 2022), Prado, Vila Verde